



**RECORTAR, COSTURAR, COLAR E NARRAR: A PRODUÇÃO DO  
CONHECIMENTO NO CONTEXTO DE FORMADORAS DE PROMOTORAS  
LEGAIS POPULARES**

***CUTTING , SEWING, GLUING AND NARRATING : THE PRODUCTION OF  
KNOWLEDGE IN THE CONTEXT OF FORMING POPULAR LEGAL  
PROMOTERS***

Edla EGGERT<sup>1</sup>

**Resumo**

Esse artigo destaca alguns resultados investigativos de ação coletiva da confecção de uma peça artesanal com a técnica da colagem sobre tecidos tematizando a violência contra as mulheres. Um grupo de nove mulheres de uma Organização Não Governamental de São Leopoldo/RS experimentou uma releitura da proposta metodológica de pesquisa-formação de Marie-Christine Josso (2004) ao confeccionar e narrar sobre o tema da violência contra mulheres. Como foi acontecendo essa dinâmica e o que desencadeou, são aspectos desenvolvidos nesse artigo, cujo desafio é pensar metodologias de pesquisa e ações pedagógicas para o cotidiano de pessoas envolvidas no âmbito da temática tão árida que é a da violência doméstica.

**Palavras Chave:** Narrativas, Simultaneidade, Artesanato, Violência Contra Mulheres.

**Abstract**

This article highlights the research results of the collective activity of putting together a hand-craft piece using the technique of gluing on fabric from the theme of violence against women. A group of nine women from a Non-Governmental Organizations from São Leopoldo/RS experienced a re-reading of Marie-Christine Josso's (2004) research-formation methodological proposal by putting together and narrating on the theme of violence against women. What happened during this process and what it unleashed, are aspects developed in this article, which challenge is to think research methodologies and pedagogical actions for daily living experiences of the people involved on the level of such an arid theme as domestic violence.

**Keywords:** Narratives, Simultaneousness, Craft art, Violence against women.

---

<sup>1</sup> PPG Educação - Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Av. Unisinos, 95093022-000 – São Leopoldo, RS. edla@unisinos.br; egbert@terra.com.br

## A temática que recria uma metodologia

A proposta dessa pesquisa foi feita para mulheres que trabalhavam no Centro Ecumênico de Capacitação e Assessoria (CECA)<sup>2</sup>. Foram convidadas a fazerem, com a pesquisadora e com uma bolsista de Iniciação Científica, um pano de parede com a técnica da colagem sobre tecidos e a debaterem sobre a temática da violência contra as mulheres. Quando essa proposta foi aceita, mais duas mulheres da equipe mostraram interesse em participar e foram aceitas pelo grupo. Primeiramente não estávamos muito seguras de como tudo se desenrolaria na idéia da experimentação de técnicas, conversas e leituras que seriam trazidas ao longo dos encontros. Conseguimos a orientação de uma professora de trabalhos manuais que se dispôs a trabalhar conosco em dois encontros quinzenais<sup>3</sup>. A descoberta de caminhos, de certa forma incertos sobre o que faríamos na questão da técnica artesanal, foi um processo pedagógico importante, pois tudo que foi composto era de fato uma novidade, um risco. Praticamente nenhuma mulher tinha experiência com trabalhos manuais, e sim uma grande experiência com a temática da violência contra as mulheres, pelo fato de todas estarem unidas em torno de cursos formadores de Promotoras Legais Populares.

Essa constatação fez com que pensássemos no grupo sobre os preconceitos que as mulheres criaram com base nas conquistas obtidas no século XX pelo movimento feminista, pois o trabalho manual - das habilidades manuais, remete ao imaginário de mulher 'prendada'. Aprendemos a repudiar essa habilidade pelo fato de ele representar o modelo mais fidedigno da repressão das mulheres. Ao mesmo tempo, um certo encantamento para com quem consegue mover-se entre a habilidade e a autonomia de fazer o que gosta por meio de trabalhos manuais. Indiretamente estamos lidando um pouco com a idéia de criação, criatividade nos limites do mundo privado.

Fizemos exercícios em panos que conseguimos em forma de doação e o que sabíamos fazer eram os "fuxicos", técnica que consiste em recortar o tecido em círculos

---

<sup>2</sup> Essa pesquisa foi financiada pela UNISINOS e pela FAPERGS e teve por título: *Mulheres tramando contra a violência – a produção do conhecimento na ação simultânea do conhecimento e da criação artesanal*. (2005-2006). Todas as sete mulheres tinham envolvimento direto ou indireto com os cursos de formação de Promotoras Legais Populares no CECA. "O Centro Ecumênico de Capacitação e Assessoria é uma instituição de caráter ecumênico e sem fins lucrativos. Situado em São Leopoldo/RS, atua assessorando movimentos populares, pastorais e atividades de formação das Igrejas, fomentando o ecumenismo e o diálogo inter-religioso". Uma das linhas de ação é "Sensibilizar os diferentes grupos na valorização e luta pelos direitos humanos, buscando a superação de todas as formas de discriminação". Cf. in.: <http://www.ceca-rs.org/ceca.htm>.

<sup>3</sup> Significativo registrar aqui é sobre como conseguimos a professora. Depois de várias tentativas em trazer alguém para ensinar alguma técnica de artesanato, uma das mulheres do grupo fez o contato com uma professora que aceitou fazer algumas aulas. No encontro seguinte, conseguimos nos programar com a vinda dessa professora que trouxe, solidariamente para todas nós, um "kit" para que pudéssemos experimentar a técnica da colagem e sobreposição de tecidos. Rapidamente todas nós descobrimos que poderíamos fazer coisas bem bonitas dentro dessa técnica.

de diversos tamanhos e depois alinhavá-los pela extremidade e puxar<sup>4</sup>. Com a orientação da professora, descobrimos a colagem de tecidos, que ampliou nossas possibilidades para pensar em alguma imagem/representação em que cada mulher pudesse confeccionar partes de panos de 30 centímetros quadrados para compor um pano de parede. Depois desse primeiro contato, nos inteiramos sobre essa técnica que, na verdade, é uma simplificação do *patchwork*, cuja origem vem de vários países da Europa e da América do Norte<sup>5</sup>. A idéia ficou mais bem definida quando confeccionamos um quadrado de 30cm como forma de experimento. Esse primeiro exercício foi realizado em dois encontros e foi balizador para o passo seguinte: o de produzir individualmente, com a técnica da colagem sobre tecidos, uma representação da violência contra as mulheres. Nessa etapa foram realizados dez encontros, todos gravados em fitas K7 que foram transcritas pela bolsista e, à medida que as transcrições eram concluídas, retomávamos em grupo algumas das questões levantadas durante esse tempo de confecção e análise da temática proposta.

A metodologia compôs uma mistura entre: a) o trabalho manual que possui técnicas e uma complexidade até então desconhecidas; b) a participação de mulheres profissionais de vários campos das ciências humanas; c) o debate temático que tem por eixo o tema da violência contra as mulheres; d) as narrativas resultantes desse encontro em forma de texto; e) a confecção do pano de parede.

O trabalho manual e o tema da violência contra as mulheres são assuntos que a academia tem, ao longo dos séculos, deixado nas margens. Desde a experiência da produção do conhecimento grego, o trabalho manual foi relegado aos escravos e escravas e às próprias mulheres, mesmo aquelas pertencentes aos “cidadãos”. E, a violência contra as mulheres foi invisibilizada tendo em vista que, por serem consideradas sempre de alguém e em função dos outros, segundo Franca Baságli<sup>6</sup> (1983), elas traziam a marca do seu destino e da sua condição. Na intenção de querer misturar duas realidades que, na vida cotidiana existem e de certa forma já estão automatizadas na vida das mulheres, analisei o que sucede quando provocamos o fato

---

<sup>4</sup> A técnica do fuxico, segundo Patrícia Rosana, é “secular e tem sua criação atribuída (cogitada) aos africanos. O termo “fuxico” em português é sinônimo de “fofoca” (cochicho) e, segundo o folclore local, ele recebeu esse nome, uma vez que as escravas se reuniam nas senzalas para costurar e, ao mesmo tempo, “cochichar” sobre a vida dos seus “senhores”. Cf. [http://www.pat\\_patches.nom.br/retalhos/artigos/patchworkbrasil.htm](http://www.pat_patches.nom.br/retalhos/artigos/patchworkbrasil.htm) visitado em 10/06/2006.

<sup>5</sup> Há uma série de sítios interessantes que trazem um pouco da história do *patchwork* ver: <http://www.kikikits.com.br/images/Historia/quilting.htm> O que se pode perceber é que essa é uma arte popular que se construiu a partir da necessidade da produção de roupas reutilizadas para proteção nos invernos rigorosos dos países do Norte. Um filme que retrata significativamente essa tradição é *Colcha de Retalhos* (1995), de Jocelyn Moorhouse.

<sup>6</sup> Franca Baságli faz várias parcerias com Franco Baságli no movimento antimanicômios na Itália.

para estudá-lo mais de perto. Uma “experiência provocada”, no dizer de Marie Christine Josso (2004), para que possa ser analisada e, ao passar a ser objeto de estudo, visibilizada na sua complexidade.

Existe, no ato narrativo, segundo Josso (2004), Cunha (1998), Chopp (1995), Eggert (2003), um procedimento de experiência formadora em potencial. A esse ato de narrar acrescentei os atos de recortar/colar, pespontar, costurar. E, com essa atitude investigativa, busquei um diálogo constante com as fontes de pesquisa que já tinha como base, além de outras encontradas durante o processo da pesquisa. Objetivei reconstruir a idéia de um ‘caminhar para si’ vindo da pesquisa-formação de Josso (2004). Tomei o elemento da narrativa como construtora de conhecimento (Cunha, 1998), e busquei estudar a plasticidade artesanal com a tecedura das narrativas temáticas discutidas pelo grupo de mulheres formadoras de Promotoras Legais Populares.

Estudando o livro de Marie-Christine Josso (2004), fizemos algumas relações entre o que a autora propõe com base no que define por experiência formadora e o que foi “confeccionado” em nosso processo de recortar, costurar/colar/pespontar e refletir coletivamente. A autora afirma que há “uma sensibilidade à história dos aprendentes e da sua relação com o saber” (Josso, 2004: p.19). Estávamos atentas ao que foi embutido em nossa proposta metodológica: observar como surgem as narrativas sobre a temática da violência contra as mulheres. No projeto de conhecimento proposto por Josso (2004), as histórias de vida contêm narrativas estruturadoras de experiências. A autora desenvolve um processo investigativo, em elaboração nos últimos quinze anos da sua vida acadêmica, que resulta em dois objetivos teóricos:

Assinalam um processo de mudança do posicionamento do pesquisador, por meio do apuramento de metodologias de pesquisa-formação, articuladas à construção de uma história de vida. Esse apuramento visa diferenciar melhor as modalidades e os papéis assumidos durante o processo, as etapas e os projetos de conhecimento específicos da pesquisa-formação. 2) Demarcam também a contribuição do conhecimento dessas metodologias para o projeto de delimitação de um novo território de reflexão abrangendo a formação, a autoformação e as suas características, bem como os processos de formação específicos voltados para públicos específicos (Josso, 2004: 23).

A autora opta por uma metodologia que reivindica e cria espaço para legitimar “à mobilização da subjetividade como modo de produção do saber e à intersubjetividade como suporte do trabalho interpretativo e de construção de sentido para os autores dos relatos” (Josso, 2004:23). A autora chama isso de “cuidado metodológico” enfatizando ser o “desafio epistemológico relativo ao valor de uso dos conhecimentos produzidos e as normas de legitimação de um saber científico” (2004: 23). Essas são as possíveis conexões que enxergamos ao que estamos fazendo. Ou seja: reivindicamos um espaço de mobilização da subjetividade não somente através da narrativa, como é o caso de Josso, mas partimos do planejamento e confecção de uma peça artesanal num grupo que possa recortar/costurar/colar e refletir uma temática produzida na tecedura das palavras e na textura dos panos. Baseamo-nos em Josso, quando ela propõe o trabalho de projetos de conhecimento, de formação e de ação somados aos projetos de sistematização de histórias de vida. Segundo a avaliação feita no texto já citado:

A originalidade da metodologia de pesquisa-formação em Histórias de Vida situa-se, em primeiro lugar, em nossa constante preocupação com que os autores de narrativas consigam atingir uma produção de conhecimentos que tenham sentido para eles e que eles próprios se inscrevam num projeto de conhecimento que os institua como sujeitos (Josso, 2004: 25).

A idéia de que as narrativas atingem uma produção de conhecimentos, dando sentido para quem participa de um processo de pesquisa dessa abordagem, é bastante evidente no que já realizei em outra pesquisa utilizando a metodologia de histórias de vida com seis mulheres agricultoras e agentes de saúde comunitária (Eggert, 2003a). E, com a proposta na atual pesquisa, parti para uma construção argumentativa que pode ser relacionada ao que descobrimos, como grupo de pesquisa, quando estudamos Josso (2004), além de seguir fazendo conexões com a experiência epistemológica da Educação Popular e com a experiência da epistemologia feminista<sup>7</sup>. Ambas as experiências consideram fundamental o que se produz em espaços, às vezes, considerados marginais pela academia. Produções de conhecimentos que acontecem em

---

<sup>7</sup> Ver, em especial, autoras como Livia Guimarães da UFMG, Sandra Harding (1992), Andréa Nye (1995), Guacira Lopes Louro (2002).

espaços não formais e, de certa forma, com posturas críticas [às vezes até rebeldes] frente à educação formal, mas ao mesmo tempo visando o diálogo com essa formação.

Guacira Lopes Louro (2002) pondera e considera bem-vindos a entrada na academia de temas mostrando as imbricações entre o público e o privado e fazendo isso através de métodos pouco ortodoxos que foram recebidos pelo saber constituído com desconfiança e menosprezo. E, citando Bila Sorj, Louro (2002:19) oportuniza a reflexão de que “a sociedade moderna construiu um ideal de esfera pública e instituições políticas fundadas numa moral racional e desta moral racional estão excluídos o desejo, a empatia, afetividade, sentimentos”. Essas manifestações sentimentais, portanto, são inferiores e geralmente relacionadas com as mulheres. Os contextos históricos das mulheres ligados à classe, raça e cultura mostram que o trabalho delas esteve geralmente ligado a ações do corpo, feito com o corpo, mas traduzidas na subjetividade e percebidas pelo toque, pelo olhar, ou seja, uma linguagem que fica, em grande medida, banida do processo de pesquisa acadêmica. No máximo conseguimos traduzir em forma de narrativas, em recortes de histórias de vida, mas sempre em palavras sobre o que as mulheres fazem, como fazem, porque fazem, para quem fazem. O que pensam e o que sentem, em especial esse último fica subsumido da cena acadêmica, pois a palavra escrita nem sempre consegue captar e capturar a narrativa (e no nosso caso de pesquisa a narrativa das mulheres) que buscou abordar outras linguagens. Por isso, a confecção do pano como um modo de visibilizar um pouco mais das tramas de um fazer que rememora a experiência do mundo privado provocando, a partir disso, um debate político imbricando o público e o privado.

### **Desenleando fios, cortando panos e tramando outras aprendizagens: a simultaneidade**

O conceito de simultaneidade foi percebido e destacado por Eggert (2003b) em que analisa a possibilidade da narrativa fazer parte da filosofia que as mulheres produzem. A naturalização de que as mulheres fazem muitas coisas ao mesmo tempo tem sua razão de ser. No mundo privado, as múltiplas tarefas de manutenção do cotidiano em função dos outros produziram experiências muito diversificadas e plurais. As mulheres acumularam esses saberes que, por não serem reconhecidos como produtivos, ficaram, de um modo geral, invisibilizados. E, à medida que esses fazeres foram resgatados como possibilidades de saberes, outros modos de conhecimento puderam ser considerados também na academia. Nesse caminho, de um certo modo

rebelde e também intuitivo, foram sendo compostas parcerias de pesquisa e experimentos metodológicos, onde produzimos passos que buscaram relacionar experiências metodológicas estudadas e também já vividas de diversas formas. Primeiro: narrar oralmente como vivencia ou faz determinada coisa. E, num segundo passo: escrever sobre essa experiência. A pessoa organiza de outra maneira quando escreve o que foi falado anteriormente. E, num terceiro momento, ao ler o que escreveu reage ao que está escrito, ou seja, analisa melhor sua própria história/narrativa sobre as experiências vividas. Isso também acontece quando a pessoa pode ouvir o que falou, no caso, quando as conversas são gravadas, é interessante observar como a ação de ouvir a própria voz é instauradora de um caminho para si mesma/o. Existe uma variação nesse processo, pois geralmente a forma escrita nem sempre é realizada pela própria pessoa, já que às vezes temos o recurso da gravação das conversas e a transcrição das mesmas. O que, de certa forma, diminui o tempo que, na maior parte quase sempre, é bastante escasso para todas as pessoas que se dispõem a participar de pesquisas acadêmicas. Ao possibilitarmos que as participantes de nossas pesquisas leiam o que falaram em grupo, ou nas conversas/entrevistas, construímos um referencial reflexivo que retorna para elas e cumpre a função analítica ou pedagógica do processo. Ao relerem o que falaram, às vezes reelaboram essas falas e fazem novos comentários. E, às vezes analisam mais profundamente suas vivências. Esse exercício analítico é o que Josso nomeia de experiência formadora. Percebo que também nós, pesquisadoras ou pesquisadores, por sua vez, conseguimos avançar na elaboração de conceitos. No presente processo o que se buscou elaborar foram conceitos metodológicos de pesquisa.

E, no que diz respeito ao mundo das mulheres que produziram e ainda produzem nas margens por meio de processos muitas vezes considerados “reprodutivos” em vez de “produtivos”, imaginamos que o trabalho manual tem um potencial de conectar a academia com o imaginário invisibilizado no cotidiano. Poderíamos acrescentar também as classes populares, as pessoas desempregadas e, em especial, as pessoas negras e pobres que, de um modo geral, estão nas margens consideradas mantenedoras de um processo de pobreza e exclusão. Nossa opção, porém, é a de um viés mais direcionado para a realidade das mulheres num contexto de empobrecimento cada vez mais complexo em nossa sociedade brasileira. Dessa maneira gostaríamos de enfatizar um imaginário criativo, pois suspeitamos que as ações realizadas quase que automaticamente podem – ao ser narradas e visibilizadas – criar outras formas de perceber esse conhecimento marginal. Ou seja, as mulheres que, ao pensarem sobre o

que fazem, acabam pensando em si, fazendo para si um caminho de escutas, podendo com isso identificar o quanto geralmente todas as ações das mulheres estão centradas em função dos outros, como bem indica Marcela Lagarde y de Los Rios (2005). Essa realidade pode ser identificada no texto abaixo, onde a rememoração de ações simultâneas são percebidas e destacadas por meio da narrativa sobre o cotidiano:

Estou, por isso tudo, pensando o quanto deixamos de escrever pelo fato de sempre lermos com os olhos da admiração, os olhos da prontidão daquilo que já nasce feito pelo outro e por isso per(feito), daí a gente não escreve mais. Vamos es-cre-ver? (Ex)-(crê)-(ver) de modos diferentes o que vivemos, o que já fizemos há séculos. A proposta aqui é deixar a imaginação fluir e começar experiências coletivas de trocas e parcerias epistemológicas. Fazer o pão e conversar – aprender de outras formas; fazer o cabelo e conviver – perceber o que é o belo num salão de beleza; cozinhar e duvidar dos modos de fazer – ousar sistematizar o cotidiano da química da cozinha; partear e pensar o que faz nascer; tricotar, tecer, bordar e analisar o que tramam as mulheres... Seriam objetos de produção de conhecimento? Aquilo que por séculos nos limitou em espaços esquadrihados pelo poder patriarcal poderia ser o próprio lugar para um salto de qualidade na nossa reflexão? (Eggert, 2006:101)

As ações do mundo da vida estão em todos os lugares. Admirá-las e tomá-las como objetos de produção de conhecimento é um dos nossos desafios no campo metodológico feminista. Eli Bartra (2000, 2004) foi e é uma inspiração no que se refere a pesquisar a criação de mulheres na arte popular com releituras feministas. Desse modo, aprendemos que há um imenso recorte possível de ser investigado entre a cultura popular, o feminismo e as marginalidades no contexto Latino Americano. Entendemos que não concluímos a conceituação da *simultaneidade* como possibilidade de um fazer pedagógico, aprendido desde muito cedo no cotidiano das mulheres para determinadas tarefas, em especial, as do cuidar e manter a vida, mas seguimos marcando essa experiência como sendo necessária de ser percebida e destacada no processo a fim de poder desconstruí-la e talvez recolocá-la no contexto pedagógico como uma problemática de um *inédito-viável* (Freire: 1997), uma potência no *caminho para si*.



## **Tramando contra a violência no contraponto de uma leitura feminista**

Experimentamos leituras ao mesmo tempo em que confeccionamos nossos quadrados, nosso pano de parede. Ouvimos músicas, como o pagode de Zeca Pagodinho “Faixa amarela”, no qual detectamos a naturalização da violência contra a mulher. A letra descreve o amor e o carinho por sua bem-amada, mas se ela “vacilar”, o letrista propõe que ela perca cinco dentes, tenha algumas costelas quebradas e mais algumas coisinhas, afinal um vacilo de uma mulher requer uma repreensão por parte do seu homem. Lemos também partes de um clássico grego de Aristófanes no livro “Lisístrata – a greve do sexo”, bem como partes de um texto sobre arte popular e feminismo de Eli Bartra (2000). Tomamos café, comemos biscoitos trazidos por algumas das mulheres, conversamos trivialidades, alcançamos as coisas umas para as outras e, de repente, uma conversa densa se instalava. Alguns minutos de um caminhar mais reflexivo, para logo depois retornar a uma conversa mais amena. À medida que o pano ficou pronto, nos preparamos para uma escuta de todo esse processo ao relermos as transcrições dos encontros. O desafio seguinte foi o de escrever sobre a experiência formativa vivenciada naquele coletivo. Alguns silêncios, algumas perguntas iniciais do tipo: “mas eu na verdade nem pensei muito porque escolhi fazer a representação que fiz, mas irei tentar dizer”. Foram afirmações desse tipo que processaram modos de repensar se não existia algo a mais a ser pensado, dito e escrito. Essas narrativas provocaram uma percepção de nós mesmas implicadas no tema. Primeiramente confeccionando e conversando e, num segundo momento, quando escrevemos, tivemos outro estranhamento da produção do que Josso chama de um ‘caminhar para si’ (JOSSO, 2004: 11). Por meio do estudo da metodologia de *pesquisa-formação*, percebemos nossas histórias de vida no processo narrativo e no processo da confecção do pano que simultaneamente focava o tema da violência contra as mulheres. A soma desses dois processos metodológicos trouxe uma dinâmica relacionada com o grupo que ampliou a reflexão dessa temática. Entendemos ainda que não foi uma proposta terapêutica, e sim uma proposta metodológica com efeito terapêutico<sup>8</sup>. Um efeito que repercutiu em várias direções proporcionando diversas escritas, entre elas a produção de um Guia de Direitos das Mulheres – A lei Maria da Penha e o Direito de Família (Viau, 2007). A confecção dos nove quadrados,

---

<sup>8</sup> O objeto dessa pesquisa está definido para dentro da área de conhecimento da pedagogia. Esse campo ainda tem muito a ser teorizado, pois as ações no campo não formal da educação são inúmeras, porém ainda em processo de serem sistematizadas, analisadas e interligadas com as teorias feministas. A expressão “efeito terapêutico” foi cunhado pela pesquisadora SAGOT, M., do Equador, no simpósio sobre violência doméstica, organizado por Stela Meneguel do PPG de Saúde Coletiva da UNISINOS, em novembro de 2006.

cada um com seus coloridos e técnicas e diferentes representações, acrescentada pela narrativa escrita, foi o resultado que chamamos de salto de aprendizagem, momento de ruptura, de saída de uma situação e entrada para outra proposta metodológica.<sup>9</sup>

O feminismo abriu o cotidiano doméstico para o político, abriu o privado para o político e o político para o privado. Pude perceber, na função de pesquisadora, o cruzamento desses diferentes espaços e sua interdependência. E mais: metodologicamente analisando, o feminismo e a “pesquisa-formação”, somados ao ato de costurar trouxeram determinadas subjetividades, como lugares de saber e lugares de poder contar/narrar histórias, e reconhecê-las como caminho importante e absolutamente necessário na construção de outras relações sociais e outras produções de conhecimento. Foi nessa trama que me encontrei com a narrativa da minha experiência na pele de uma menina de 10 anos que acompanhou o namoro tumultuado, noivado e casamento, com várias situações de violência, da irmã, 10 anos mais velha que eu. E, como “nada é por acaso”, consegui identificar minhas inquietações em torno do tema por um desejo de seguir fazendo perguntas e tentando encontrar respostas aos dramas da violência doméstica, finalmente também identificados na história familiar. Nesse contexto, a figura escolhida por mim na peça confeccionada foram duas pessoas de perfil que ficam face a face. Na medida em que fomos conversando sobre nossas experiências e pensando sobre elas, simultaneamente confeccionávamos uma estética dessas representações sobre a violência e íamos elaborando quadros socioculturais de um conhecimento sobre essa temática. E, ao escrevermos sobre o que cada uma confeccionou, foi possível tomar distância do que cada participante possuía como marcas simbólicas da violência presente na vida das mulheres.

Ao final dessa pesquisa, de perfil experimental, com esse grupo de mulheres, chegamos à conclusão de que todas as participantes possuíam, de uma maneira ou de outra, experiências que tinham pontos e pespointos relacionados à violência doméstica. E, narrar isso por meio da metodologia relida na proposta da pesquisa-formação foi recriar e impulsionar ética e esteticamente um outro modo de perceber essa temática.

---

<sup>9</sup> Josso nomeia essa passagem de - *momentos charneira*, ou seja, rupturas ou reafirmações de experiências que dão sentido ao nosso viver (2008, anotações realizadas durante o curso ministrado na PUC-RS, nos dias 22-24/04); também podemos relacionar esse momento com o que Freire chama de *inédito-viável*, como sendo o momento em que a pessoa que se depara com uma *situação-problema* resolve que enfrentará essa situação buscando formas de romper com ela e superá-la (1997: 206-207).



O vaso quebrado, a flor despetalada, o olhar frente a frente, os elementos religiosos da vela e da pomba, um rosto desfigurado, um coração partido, um vaso sendo moldado e uma corrente de meninas e meninos foram a produção de um conhecimento de formadoras de Promotoras Legais Populares, visibilizado no pano e nas narrativas escritas, confirmou uma suspeita: de que é necessário experimentar diferentes formas de sistematizar processos e vivências num debate metodológico que potencialize ainda mais os modos de fazer pedagogia em espaços formais e não formais de educação. E, além de tudo, provocou um exercício do inusitado que se instala no ato de pesquisar e criar outras possibilidades de enxergar lugares do pesquisar. Um fazer e um pensar costurado com outras tantas complexidades do cotidiano das nossas vidas.

### **Referências**

BARTRA, Eli (Org.). 2004. Creatividad invisible: mujeres y arte popular en América Latina y Caribe. Xochimilco: Universidade Autônoma Metropolitana-Xochimilco.

BARTRA, Eli. 2000. Arte popular y feminismo. In.: Revista de Estudos feministas. Florianópolis:CFH/UFSC, 8(1): p.30-45.

BASÁGLIA, Franca. 1983. Mujer, locura y sociedad. Puebla : Universidad Autonoma de Puebla.

CUNHA, Maria Isabel. 1996. O professor universitário na transição na transição dos paradigmas. Campinas: Papyrus.

CHOPP, Rebeca. 1995. Saving work: feminist practices of theological education. Louisville, Kentucky : Westminster John Knox.

EGGERT, Edla. 2006. A graça do mundo do lado de baixo do equador. In. CARDOSO, Nancy; EGGERT, Edla; MUSSKOPF, André S. A graça do mundo transforma deus. Porto Alegre: Ed. Metodista.

EGGERT, Edla. 2003a. Educação Popular e Teologia das Margens. São Leopoldo : Ed. Sinodal.

EGGERT, Edla. 2003b. Narrativa: uma filosofia a partir da experiência das mulheres? In.: MENEZES, Magali Mendes de.; TIBURI, Márcia; EGGERT, Edla. As mulheres e a filosofia. São Leopoldo : UNISINOS.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança. 4.ed., São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GUIMARÃES, Livia. 2007. A Quixote mulher - ficção e filosofia. In.: Kriterion: Revista de Filosofia. vol.46, n.111, Belo Horizonte, jan./jun. 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 2 abril.

HARDING Sandra. 1993. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. In.: Revista Estudos Feministas. 1 (1:7-32), Rio de Janeiro: CIEC, ECO, UFRJ.

JOSSO, Marie-Christine. 2004. Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez.

LOURO, Guacira Lopes. 2002. Epistemologia feminista e teorização social – desafios, subversões e alianças. In.: ADELMAN, Miriam e SILVESTREIN, Celsi Brönstrup (Org.). Gênero Plural: um debate interdisciplinar. Curitiba : Ed. UFPR.

NYE, Andrea. 1995. Teoria feminista e as filosofias do homem. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

VIAU, Sandra. (Org.). 2007. Guia de direitos para mulheres – a lei Maria da Penha e o Direito de Família. São Leopoldo: CECA.

Artigo Recebido: 03/06/08

Artigo Aceito: 10/09/08